



**HOMEM DE
NEGOCIOS**



Cr\$ 100,00 - n.º 2 - ano 1
São Paulo, fevereiro de 1961

HOMEM DE NEGÓCIOS

Diretores:

CYRO MENNA BARRETO
IVES GANDRA DA SILVA MARTINS
JOÃO PESSÔA DE ALBUQUERQUE
JOSÉ CARLOS GRAÇA WAGNER
MURILLO ALVES FERRAZ DE OLIVEIRA

Colaboradores:

HERBERT LEVY
WERNER GRAU
CUSTÓDIO SOBRAL MARTINS DE ALMEIDA
SAULO RAMOS
JOSÉ MINDLIN
DIOGO SORDELLO DE MELLO

Direção de Arte:

CYRO DEL NERO

Impressora:

LINÓGRAFICA EDITORA LTDA.

Desejamos estabelecer permuta com revistas similares.

On désire établir l'échange avec revues similaires.

We wish to establish exchange with similar publicati

revista mensal

Cr\$ 100,00 - ano I - n.º 2

São Paulo, fevereiro de 1961

redação: Praça João Mendes n.º 62
6.º andar - Tel. 36-2518

sumário:

ASSOCIAÇÕES BRASILEIRAS EM REVISTA	4	
UM SECRETARIO DE ESTADO ENFRENTA O HN	9	
BIG SHOTS	12	
UMA TESE POR MÊS	13	
INVESTIMENTOS NACIONAIS E ESTRANGEIROS	15	
SECRETO	16	
O CONTRIBUINTE MUNICIPAL	20	Diogo Lordello de Mello
RADAR	22	
NOTAS ECONÔMICAS	23	
BANCO DE EXPORTAÇÃO	25	Benedito de Sanctis Pires de Almeida
DESENHOS DE M. FANUCHI	27	
O PODER LEGISLATIVO SOB A MIRA DO HN	28	
DESTAQUE	29	
AUTO-TÓPICOS	30	R. A. Serra de Castro
TENDÊNCIAS DA BÔLSA E CÂMBIO	33	
HN JURÍDICO	35	
O PERIGO DAS EXCESSIVAS VERBAS ORÇAMENTARIAS PARA A DEFESA NACIONAL NAS ECONOMIAS DO OCIDENTE	36	Ives Gandra da Silva Martins
POLÍTICA	38	
É ÚTIL SABER QUE	39	
A ABDC EM GUARDA	40	
FIM DE PÁGINA	48	

informações:

- 1 Stereo-Sonic, "S" Eletro Acústica Ltda.
- 8 Decisão da Diretoria de Rendas Internas
- 31 Associação Brasileira de Defesa do Contribuinte
- 32 Consórcio Brasileiro de Serviços

O perigo das excessivas verbas orçamentárias para a defesa nacional nas economias do ocidente

IVES GANDRA DA SILVA MARTINS

No artigo anterior, escrito especialmente para o "Homem de Negócios", salientamos, face aos regimes tributários vigentes na maioria dos países ocidentais, que a má política fiscal era um dos principais fatores de desincentivo à iniciativa privada e que a necessidade de uma sadia orientação dos governos nacionais no campo dos impostos estava diretamente ligada à sobrevivência do mundo livre, nos seus limites atuais, sendo, portanto, o "preço de liberdade" em parte resgatado por esta dimensão de apoio à ação particular.

Mostramos, naquele artigo, que a excessiva pressão tributária, mormente quando feita de forma pouco psicológica, desencorajava o contribuinte a aplicar capitais em bens de produção, já que a maior parte dos lucros passaria não ao criador das riquezas, mas ao Fisco insaciável, o que, por si só, já motivaria a diminuição de interesse dos possíveis investidores.

Mas elemento ainda de maior desencorajamento, dentro do aspecto não suportável da demasiada pressão, foi sempre ver a comunidade contribuinte seu dinheiro, que lhe fôra tirado em impostos, aplicado, não principalmente na criação de condições de melhoria para o desenvolvimento humano e sim na sua organização militar, como se fôsse destino e meta da humanidade fazer a paz a fim de preparar-se para a guerra.

Queixa-se atualmente o Governo norte-americano de que continuou, no ano de 1960, o mesmo déficit revelado nos anteriores de sua balança de pagamentos, que atingiu a mais de 3 bilhões de dólares, ou seja, mais de 600 bilhões de cruzeiros, déficit êste que vem preocupando enormemente os círculos econômicos do país, eis que tem significado uma constante saída de reserva-ouro para outros países, reduzindo o seu estoque atual a 45% das reservas de ouro amoldado nos países ocidentais, quando já houve época em que controlou 2/3 de tôdas as reservas conhecidas.

A situação para o Governo norte-americano parece tanto mais alarmante quanto se lembra que, no mesmo período, a Alemanha apresentou um saldo de 1,3 bilhões de dólares, ou seja, quase 300 bilhões de cruzeiros, vale dizer, pouco mais que um orçamento federal no Brasil.

Assim sendo, procura a direção do país justificar a presente e desconcertadora situação e justificar-se perante o povo norte-americano com o incentivo às nações subdesenvolvidas, o que, de certa forma, procede em parte, mas que não pode, todavia, ser de maneira alguma responsabilizado pela irritante permanência do déficit mencionado.

É bem verdade que a justificativa pretendida, com certos intuitos de manutenção da pressão tributária vigente, não ilude as próprias autoridades governamentais, eis que outros países ocidentais têm buscado, talvez não com tanta amplitude, mas com a mesma continuidade, esta colaboração às nações menos desenvolvidas, sem que demonstrem na sua balança um resultado tão desolador, isto por que, embora com uma série de problemas internos, estão, entretanto, mais libertos de certos encargos nacionais improdutivos, que oneram qualquer regime, ou sejam, as despesas com a defesa nacional.

Esta maior liberdade não significa, quando mesmo, a existência de liberdade destes encargos inúteis para a coletividade, mas infelizmente, até certo ponto compreensíveis para a manutenção de um maior equilíbrio entre o sistema soviético e o democrático ocidental, no caso de um eventual conflito.

Compreensível ou não, todavia, o desanimador nestes encargos orçamentários é a fatal e mórbida preparação do homem para um destino auto-exterminador, tirando os governos partes vitais dos seus orçamentos, que deveriam, pela lógica, ser aplicadas na criação de condições de melhoria de vida, exatamente para criação de condições extintoras da vida sobre a terra.

Quando se analisa, por exemplo, o orçamento norte-americano que, para o ano fiscal de 1961, prevê um gasto de quase 50 bilhões de dólares, ou seja, 10 trilhões de cruzeiros só para a Defesa Nacional, reservando apenas 30 bilhões do seu orçamento de 80, isto é 6 trilhões de cruzeiros para todas as outras despesas, pode-se compreender o patetismo da situação mundial, que provoca ou é provocada pelos governos do mundo inteiro, em gastos com fins de eliminação do homem, incontáveis quantias, cuja aplicação em bens de produção ou na criação de melhores condições de vida para o gênero humano, poderia transformar o mundo em um verdadeiro paraíso.

O mal americano é apenas um termômetro do mal terrestre e pode-se então compreender, perfeitamente, o descontentamento do contribuinte que, pressionado demasiadamente pelos excessivos impostos, vê este dinheiro, que lhe foi arrancado, dirigido para obras, que conscientemente não aprovaria, além de ser burlado nas suas expectativas de contra-partida governamental em benefícios públicos.

Mas se os Estados Unidos dão um exemplo pouco humano, mas, em parte, compreensível, por liderar o Ocidente no contra-peso de idêntica preparação soviética e sino-comunista, cujas intenções beligerantes mal foram disfarçadas por um primeiro ministro circense, que a golpes de punhos e sapatos talvez tenha querido mostrar à O.N.U. ser a "socos e pontapés" que a Rússia trata os direitos fundamentais e inalienáveis da pessoa humana, principalmente o do livre-pensamento, não se pode compreender, todavia, as excessivas despesas de países militarmente fracos, que, contudo, na tentativa de armarem-se obsoletamente, com porta-aviões e demais armas da 2.^a Guerra Mundial, tiram do contribuinte já, por si, fraco e não suficientemente desenvolvido, aquelas últimas reservas e esperanças na criação de bens produtivos para sua emancipação econômica.

O exemplo alemão de após guerra tem demonstrado, pelo seu obrigatório desarmamento, como é possível, sem encargos de ordem militar, o progresso rápido econômico e a sua recuperação brutal em apenas 15 anos, ao ponto de novamente estar entre os líderes ocidentais, apresentando um magnífico saldo de 1 bilhão e 300 milhões de dólares na sua balança de pagamento, talvez seja um caminho a ser trilhado por outras nações.

A França e a Itália, por outro lado, não obstante a necessidade do primeiro país em acompanhar a Inglaterra e os E.U.A. na sua corrida armamentista, mercê de uma política tributária mais razoável e mais benéfica aos contribuintes, têm aumentado consideravelmente suas reservas de ouro e de cambiais estrangeiras, num surto animador de progresso, que contrabalança suas crises políticas por uma sólida direção financeira na estrutura da base.

Talvez a frase do falecido presidente Roosevelt seja aquela ainda aplicável ao mundo livre ocidental, com relação à sua política financeira e às despesas não produtivas, quando constatava uma realidade ainda hoje presente:

"Com demasiada freqüência na história recente, os governos liberais têm naufragado nos escolhos de uma frouxa política financeira; precisamos evitar êsse perigo."

Com efeito, uma rígida e austera política financeira, uma justa e correta tributação, uma receita que não seja intolerável ao contribuinte, e despesas orçamentárias que não sejam principalmente dirigidas para setores improdutivos, se não nos limites do absolutamente necessário, constituem elementos fundamentais que necessitam os Governos do Ocidente sempre ter em mira, a fim de não desincentivar a sua única e real arma para defender o preço da liberdade, ou seja: a iniciativa privada.